LRS
LOURES
câmara municipal

Rota da Memória da República em Turismo Cemiterial

As pessoas são a nossa marca

Rota da Memória da República em Turismo Cemiterial

1. Rua da República, loures. Placa sobre o 4 de outubro de 1910.

A valorização do património cemiterial, alimentado pelo estudo sistemático dos cemitérios não românticos em Loures - Cemitério municipal de Loures, paroquiais de São Julião do Tojal, Lousa, Fanhões, Bucelas, São João da Talha, Sacavém - tem vindo a introduzir nos registos históricos mais protagonistas, por vezes mais rostos, seguramente mais alicerces para a revisão da História.

A presente **Rota da Memória da República em Turismo Cemiterial**, exemplifica o valor desta fonte de informação na constituição dos cemitérios.

A investigação realizada[1] e a Rota construída cercou-se de nomes, identificados nos cemitérios citados e cruzou os caminhos que se fizeram e se teceram para que no dia 4 de Outubro de 1910, em todo o concelho[2], todos se juntassem para "salvar a nossa querida pátria".

A Rota da Memória da República em Turismo Cemiterial é também um fator de reforço da matriz identitária que a República, enquanto conceito mobilizador, deu a Loures.

[1] Contámos com o apoio dos técnicos dos cemitérios e eleitos das Juntas e uniões de freguesias, descendentes de republicanos, testemunhos das comunidades. O nosso profundo obrigado.

[2] Naturalmente que esta afirmação considera apenas as freguesias que constituem o concelho de Loures na atualidade.

A República está implantada, mas não está feita...[3]

No dia 4 de Outubro de 1910, às 15 horas em Loures e às 9 horas da manhã, em Lisboa , no dia 5, concluiu-se um longo e sinuoso caminho para a mudança de regime e "fazer a redenção da querida Pátria."[4]

Historicamente, a alteração política preparou-se com tempo, mas cheia de contratempos.

A implantação da República no concelho de Loures[5] traduz um longo e demorado trabalho desenvolvido lenta e afinadamente a nível dos centros escolares, intitulados republicanos, agremiações solidárias ou secretas, organizações do Partido Republicano - comissões políticas paroquiais, municipais e distritais - Partido Socialista, Anarquistas e Livre - Pensadores.

Não foi um caminho linear; resumiu o culminar de um processo amadurecido de recusa da monarquia que se vivia a nível nacional e no concelho, e que Manuel Francisco Soromenho (1869-1933) bem traduzia na sua poesia de inicio do séc. XIX: **"Quando raiar finalmente/A aurora da liberdade./(...)/ E com firme coração,/Para opor uma defesa/Às balas da Realeza,/Soltam-se as pedras do chão."** [6]

Se em Loures, no coração do poder politico local, se juntavam várias personalidades: Manuel Marques Razo, José Paulo d'Oliveira, Augusto César dos Santos, Joaquim Saraiva, António Saraiva, Francisco Rodrigues Ascenso, Frederico Tarré, Honorato José da Matta, Jacinto Duarte, Daniel d'Almeida Pereira, Enrique Cézar Farinha, António Feliciano Bastos, denunciando e recusando a monarquia, como Anselmo Braamcamp Freire, eleito vereador da Câmara de Lisboa em 1908, como republicano e com António Carvalho de Figueiredo, candidato por Loures às mesmas eleições, nenhum destes republicanos tinha dúvidas que era urgente a mudança: ceder o lugar à República, gasta que estava a monarquia. Havia um vento de mudança por toda Europa.

Na zona oriental do então concelho de Loures, onde em Sacavém, a Cooperativa *A Sacavenense*, emergiu, não eram menores os apoios a essa mudança: Augusto José de Almeida, Joaquim Lopes de Abreu Castelo, Pedro José Júnior; José Pedro Lourenço, farmacêutico em Sacavém, amigo de Augusto Herculano Moreira Feyo, que será o presidente da Junta Revolucionária do Concelho de Loures, que também desejava a República anunciada.

Em São João da Talha e Santa Iria, Agostinho Ferreira dos Santos, Plycarpo Machado, João Rezende e Tiago dos Santos, grande industrial republicano, sentiam o mesmo que se prolongava na zona Norte; Fanhões, com o apoio e presença de Rosendo Carvalheira (1861-1919), Francisco Grandella (1853-1934), ambos Makavenkos (1884), filantropos com o projeto tão importante para a saúde pública, o sanatório que não se concluiu, em Tocadelos, todos amigos de Afonso Costa, o qual visitava e jantava em Lousa com Augusto Herculano Moreira Feyo, farmacêutico, com José Joaquim D'Araújo e Adrião Coelho Novaes, seus seguidores; Júlio Camilo Alves, Júlio e Augusto Monteiro Freire, em Bucelas, e Francisco

[3] Festa de solidariedade escolar em homenagem ao Ex.mo Sr. Pedro Boto Machado, promovida pelo Centro Escolar Republicano Dr. Magalhães Lima em 31 de Janeiro de 1916, p.45. Lisboa: Tipografia de Francisco Luís Gonçalves.

[4] Palavras da ata da Junta Revolucionária do Concelho de Loures em 4 de Outubro de 1910, escrita e lida por Augusto Herculano Moreira Feyo. Arquivo Municipal de Loures. Livro de atas nº 26 da C.M. Loures.

[5] Neste concelho que em 1910, compreendia também a Póvoa de Santa Iria.

[6] Horas de Inspiração, 1901, Loures.

Vítor em São Julião do Tojal, seguiam o mesmo caminho:
No meio, a Liga Republicana das Mulheres, com as colaboradoras Teresa de Jesus Raso, Maria Joaquina Ginja Saiote, Maria Jesuína Ascenso D'Almeida, Guilhermina Rodrigues Ascenso.

O espírito de associação

O espírito de associação[7], vivido durante o séc. XIX, teve um papel fundamental na implantação da República. Nas mais diversas formas, nas décadas de 1860-70, criaram-se inúmeras associações, musicais, com o nome de sociedades ou filarmónicas, associações voluntárias de bombeiros, centros escolares, grémios, onde o ideário republicano se fazia sentir. A associação do Registo Civil e do Livre Pensamento (1895) ou a sociedade cooperativa Teatro Livre (1902), ou as conferências em grémios ou em casa de republicanos, uniam este espetro social e ideológico. Apesar dos antagonismos entre republicanos, socialistas e anarquistas, livres-pensadores, havia objetivos comuns, em torno da educação e do anticlericalismo.

2. Cemitério paroquial de Sacavém, livre pensador e republicano, José Carriço Campanha.

[7] Lousada, M.A. (2017). *O espírito de Associação em Portugal 1820 1926*, in AAVV - Anarquismo, Trabalho e Sociedade. Livro de homenagem a João Freire, pp.97-119, Lisboa, Almedina.

A década de 1890 marca uma nova fase das associações devido à regulamentação, quer para tornar o associativismo popular mais viável, como é o caso das associações de socorro mútuo, quer para melhor controlar e reprimir o movimento associativo de carácter político republicano, que se propaga sob a forma de associações. Também a extinção das corporações de ofícios mecânicos levou à procura de novas formas de associação; a consolidação do sistema eleitoral permitiu o surgimento dos partidos políticos e a difusão do ideal associativo.

As associações tinham de ter aprovação de estatuto, situação que se altera em 1907, com um novo enquadramento legal, com a livre constituição de associações, desde que fosse participado ao governador civil, a sede e o propósito da associação, podendo este, no entanto, a qualquer momento, inspecionar a mesma.

Estas medidas pretendiam atrair o movimento associativo não político, mas sobretudo, assegurar os meios de repressão do associativismo político. Só com a República, 1911, é consagrado o livre direito de reunião e de associação.

A 1 de janeiro de 1910, as agremiações filiadas no PRP - centros, grupos, associações, ligas, grémios, escolas, clubes - elevavam-se a 167 - 163 no continente, um nos Açores, três no Brasil.

Em termos de associações é preciso ter presente que a grande maioria dos republicanos portugueses ou foram maçónicos ou sofreram a influência direta ou indireta do Grande Oriente.

Todos as energias e valores sociais figuravam no novo partido: escritores, professores, advogados, militares de graduação, proprietários, comerciantes, industriais, operários, pensamentos, riqueza, trabalho (Basílio Teles).

Mapa da organização republicana em Loures.[8]

Os centros escolares republicanos

Os centros escolares republicanos foram, por excelência, o espaço de democratização pública, de mobilização de militantes, partidários, mas também atraindo a população para as manifestações que se organizavam. Eram espaços de atuação vulgarizadora republicana.

Foram-se disseminando um pouco por todo o País, à medida que o analfabetismo, cuja taxa em 1900 era de 78,6%, se tornava um elemento central da ação e o trabalho de propaganda dos republicanos ia dando os seus frutos.

[8] Assunção, A.P. et ali. (1985), *Loures na memória da República - 4 de Outubro de 1910*. C.M. Loures, anexo XII.

O regulamento desses centros era explicito:"fazer as mais intensas propaganda e difusão possíveis do ideal republicano"[9], contrariar o analfabetismo e, no fundo, ser "um vigoroso instrumento de educação cívica"[10].

Os centros escolares, identificados como sendo republicanos, fazem parte da história do associativismo.

Estes centros escolares tinham associados, com pagamento de quotas, de forma a manterem em funcionamento as escolas.

Rómulo de Carvalho refere claramente a funções dos centros escolares quando escreve: **"O Partido Republicano, que possuía Centros de convívio e de acção cultural espalhados por todo o país, instituiu escolas primárias nesses Centros onde muitos beneméritos, uns, professores de facto, outros, colaboradores animosos que supriam, com o seu entusiasmo, a falta de preparação específica para o desempenho de tal missão, empregavam as suas horas livres ensinando a ler, a escrever e a contar crianças e adultos. Esta atividade simpática cativou muita gente porque foi realizada com proveito e entusiasmo. Para outras camadas sociais, mais preparadas e mais exigentes, também o partido Republicano teve um auxílio a prestar, um pensamento a oferecer, uma informação a comunicar, organizando sessões diversas, promovendo conferências e dando lições pela voz de militantes prestigiados".**[11]

Os comícios e conferências

A República chegou de comboio à Póvoa de Santa Iria, que à época pertencia ao concelho de Loures.[12]

Já no primeiro comboio, às 5 horas, 1908, tinham viajado vários membros republicanos com destino à localidade para aí receberem o candidato republicano do círculo oriental de Lisboa, António José de Almeida; algumas reuniões decorriam em casa do republicano Sabino Gomes, à luz de velas, outras eram comícios com palanque improvisado.

A linha férrea foi preponderante na transmissão do fenómeno do republicanismo, aproximou operariado e população no seu geral, as ideias circulavam, falava-se.

Os lojistas e comerciantes

O início da década de 1890 trouxe consigo instabilidade, financeira e económica, coincidente com a crise política, introduzindo **na vida atrás do balcão** um novo grau de incerteza quanto ao futuro e de desconfiança em relação às soluções implementadas pelos políticos.[13]

[9] *Regulamento do Centro Escolar Republicano Dr. António José de Almeida (1907).* Lisboa: Tipografia Bayard.

[10] Idem, Ibidem.

[11] Carvalho, R. (1986). *História do Ensino em Portugal, desde a Fundação da Nacionalidade até o fim do Regime de Salazar-Caetano*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 625.

[12] Lázaro, J. (2012). *Republicanismo na Póvoa de Santa Iria na Alvorada do 5 de Outubro de 1910 – Elementos para a história da freguesia*. Edições. Dom Martinho.

[13] Alves, D. (2012). *Crise e republicanismo no discurso dos lojistas de Lisboa (1890-1910).* Análise Social, 205 XLVII, (4.º), 2012, ISSN online 2182-2999.

Os lojistas criaram a sua associação e pretendiam ter o seu protagonismo, construindo um discurso próprio, reconhecido no seio da sociedade.

Registou-se uma crescente politização dos seus corpos gerentes, com a presença do influente eleitoral José Pinheiro de Melo, e por um conjunto de sócios ligados ao republicanismo, bem como com o aumento bastante significativo do número de lojistas que começaram a afluir às suas listas de associados e assembleias-gerais (tabela 1).

Anos		Média
1870	1885	250
1886	1889	664
1890	1894	1332
1895	1900	1006
1901	1907	1077
1908	1910	2129

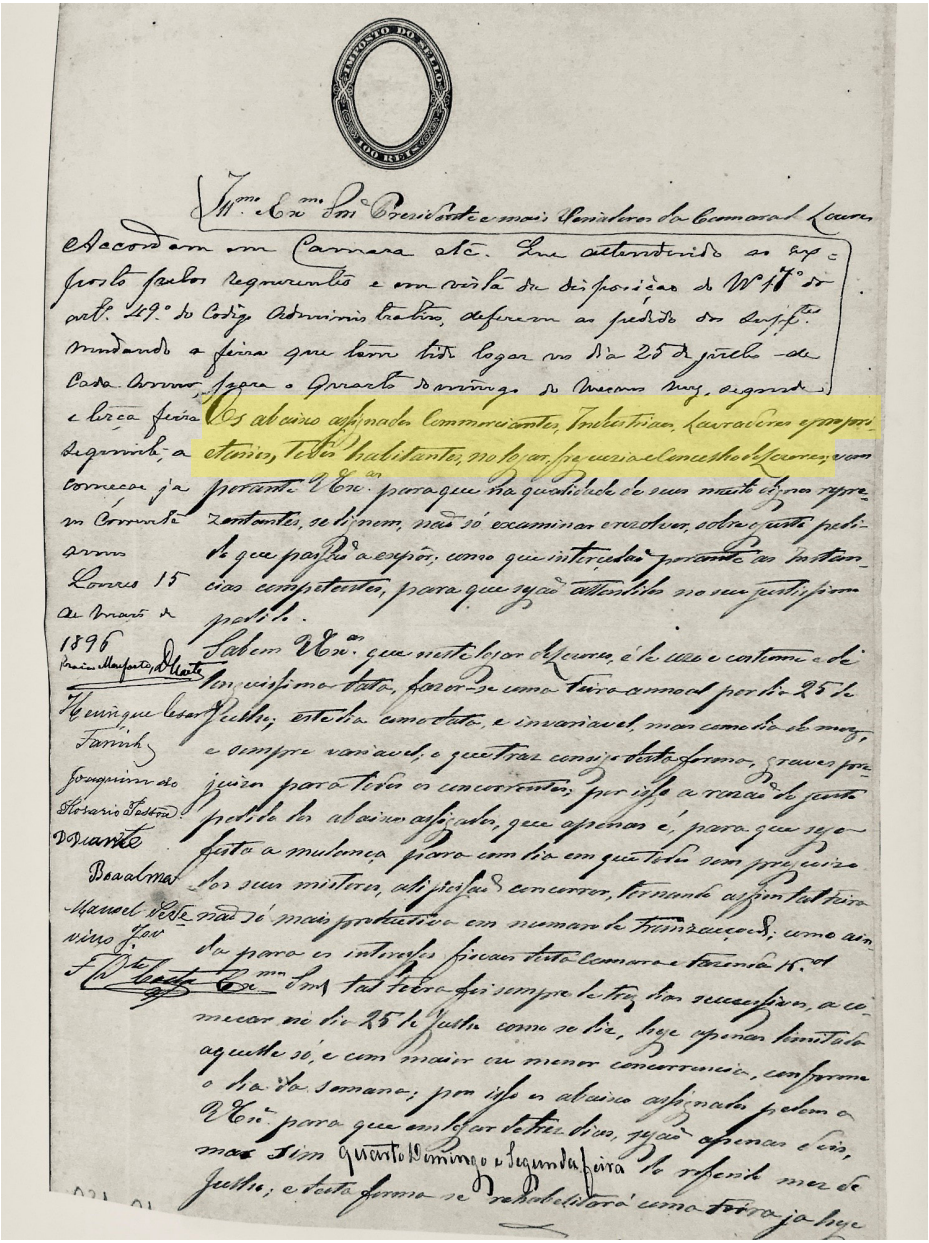
Tabela 1- Participantes nas assembleias gerias da Associação Lojista[14].

Independentemente da sua posição económica ou do ramo de negócios, a ideia de que todos, sem diferença, eram lojistas, contribuintes e, por isso mesmo, cidadãos com direitos, unia este grupo social emergente que, recebiam dos republicanos todas as atenções. Para homens que deviam a sua posição ao esforço individual, à capacidade de trabalho, exigiam medidas mais drásticas, como a mudança de regime.

No final do século XIX, os lojistas de Lisboa, parte da pequena burguesia que abrangia também o concelho de Loures, foram determinantes para o movimento republicano.

Ao longo da identificação dos apoiantes da Republica em Loures, é percetível o número significativo de comerciantes e lojistas que já se tinham manifestado, em Loures, no abaixo-assinado de 1896, para a fixação do dia da feira tradicional feita em Loures, pessoas que estarão na frente de causas republicanas. A Junta Revolucionária do Concelho de Loures: Augusto Moreira Feio, **farmacêutico**; Manuel Marques Razo, **padeiro**; Jacinto Duarte, **operário** da Câmara Municipal; José Joaquim Veiga, escrivão das Finanças; Joaquim Augusto Dias, **comerciante**; António Rodrigues Ascenso, **ourives e relojoeiro**; José Paulo Oliveira, **comerciante** e **regedor**; José Ferreira Cleto, **funcionário municipal**.

[14] Idem, ibidem.



4 Abaixo-assinado de lavradores,comerciantes e proprietários de Loures, 1896. Arquivo Municipal de Loures.

Organizações republicanas

5. Afonso Costa descerra a placa toponímica do "Largo do Diretório", em 1911, depois Largo de São Carlos (1956).

O primeiro Centro Republicano do concelho foi aberto em **Sacavém**, 1883, sob o nome de Associação Escolar **Eleitoral 24 de Agosto de 1820**, fundado por **José Joaquim Rodrigues da Silva**, pertencente à Comissão Paroquial Republicana Democrática e tendo como presidente honorário Sebastião Magalhães Lima, presidente da Maçonaria Portuguesa. Com as perseguições aos republicanos, o centro foi encerrado em 1891.

Em 1907, reuniu **J.J. Rodrigues da Silva** no Diretório, em Lisboa, com o Dr. Augusto Lacerda de Vasconcelos. Renasceu a atividade dos republicanos e também o Centro Escolar com uma nova designação **Centro Escolar Eleitoral Republicano**, 1909; em 1916 ainda existente, com uma escola a funcionar.

Também *A Sacavenense* teve grande destaque politico dentro da grande Fábrica de Loiça de Sacavém, mas também com desenvolvimento de relações com outras fábricas da região de Lisboa.

6, 7. Cemitério paroquial de Sacavém. Afonso Henriques de Souza Mello, um dos fundadores da Cooperativa *A Sacavenense*.

8.Cemitério paroquial de Sacavém, José da Costa Abreu, colaborador da Cooperativa *A Sacavenense* e trabalhador da Fábrica de Loiça de Sacavém.

9. Cemitério paroquial de Sacavém. Pedro José Gomes Júnior, Cooperativa *A Sacavenense*.

10. Cemiterio paroquial de Sacavém. José Pedro Lourenço, republicano, amigo de Moreira Feyo.

O Centro Escolar Republicano de Loures já existia em 1883, por influência do Centro Escolar de Sacavém; foi criado por um grupo de republicanos como **Manuel Marques Razo, José Paulo d'Oliveira e Ângelo Maria Vieira Borges;o Dr. António Carvalho de Figueiredo** também pertencia, tendo sido seu presidente, com Frederico da Serra Tarré e Amélio Augusto dos Santos. Em 1911, **Honorato José da Matta** pertenceu à direção do Centro Escolar Republicano de Loures, como membro do conselho fiscal. Este Centro tinha duas escolas a funcionar, uma noturna. E acrescenta-se Francisco Assis Pereira Cardante.

11. Manuel Marques Razo,membro da Junta Revolucionária do concelho de Loures.

12.Dr. António Carvalho de Figueiredo, republicano, presidente do Centro Escolar Republicano em Loures, subdelegado de saúde de Loures.

13. Cemitério Municipal de Loures, Joaquim Saraiva.

14. Cemiterio Municipal de Loures, Jacinto Duarte, membro da Junta Revolucionária do concelho de Loures.

15. Cemitério Municipal de Loures. Augusto César dos Santos, destacado republicano.

Em Loures, o Centro Escolar Republicano de Loures foi o local central - na sede do concelho – para concentrar o ato final de tomada dos Paços do Concelho e com esse ato significar a tomada do poder, um outro poder.

Todos os elos se juntaram. A Liga Portuguesa das Mulheres Portuguesas, também.

16,17. Cemitério Municipal de Loures, Teresa de Jesus Razo, colaboradora da Liga Portuguesa das Mulheres Republicanas.

18.Jesuína Maria Ascenso Pereira, colaboradora da Liga Portuguesa das Mulheres Republicanas, Cemitério Municipal de Loures.

19. Cemitério Municipal de Loures, Jazigo de José Saiote e família.

20. Maria Joaquina Ginja Saiote, colaboradora da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (jazigo supra).

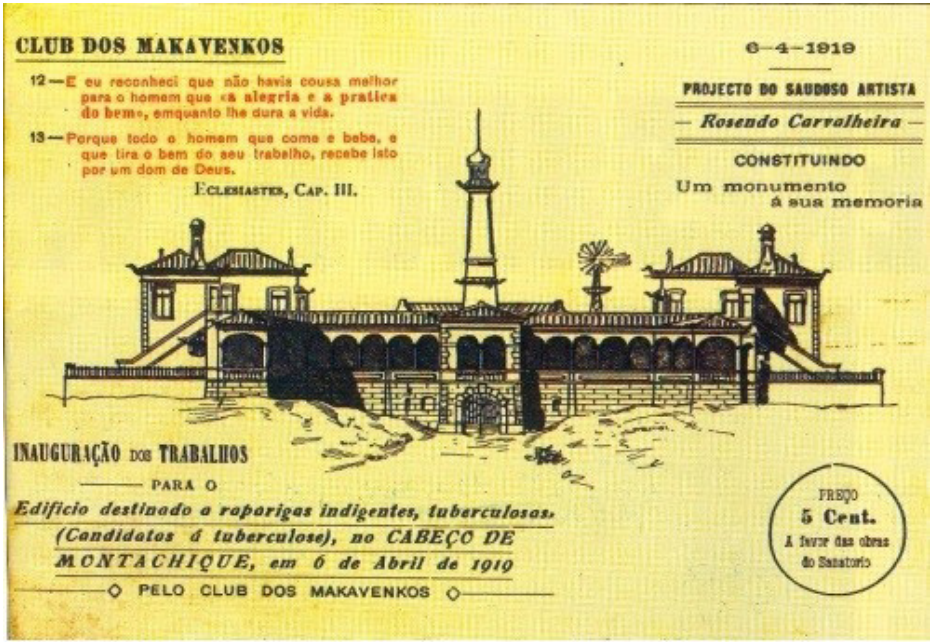
21. Guilhermina Rodrigues Ascenso. Jaz no Mausoléu da Junta Revolucionária, no Cemitério Municipal de Loures, sendo-lhe assim dado o lugar na História do 4 de Outubro em Loures.

22. Cemitério Municipal de Loures, Francisco Assis Pereira Cardante, republicano.

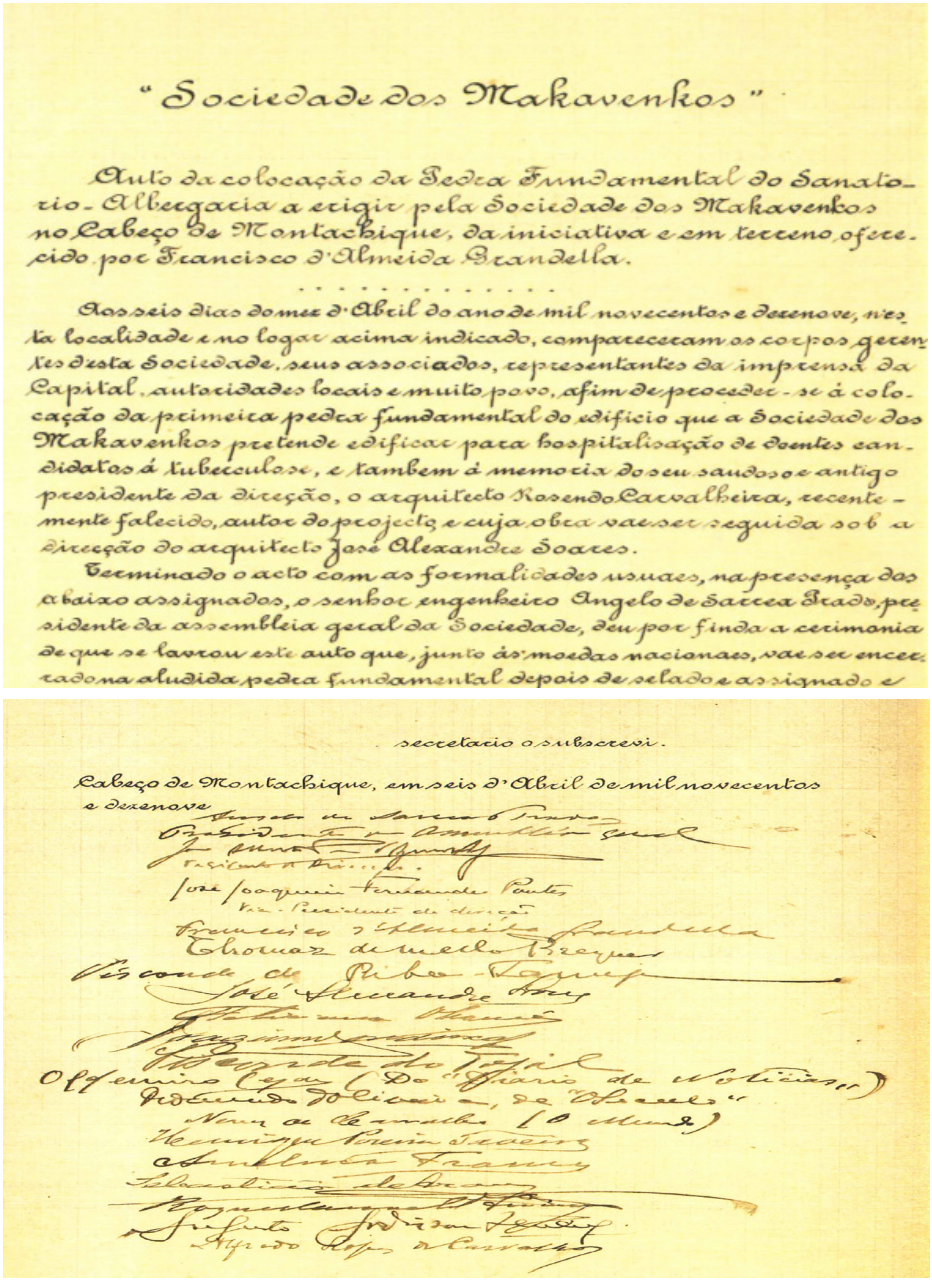
23. Rua da República em Loures, c.1940. À direita, primeiro plano, edifício do Centro Escolar Republicano, já com placa (1933) identificando o Centro Escolar Republicano e a sua ligação à declaração do 4 de Outubro de 1910.

Em **Fanhões**, os citados **Makavenkos**, Rosendo **Carvalheira e Francisco Grandella**, republicanos, maçons, criam amizades em Lousa e com a Liga dos Amigos de Fanhões, onde foi criado um **Centro Republicano Francisco d'Almeida Grandella**, com **António Gomes Valadares**, 1911, como presidente, republicano, comerciante de Fanhões, onde se encontra **José Ferreira Cleto**, funcionário público.
Conforme documento da preparação da revolução, Francisco Grandella fazia parte do movimento com Machados dos Santos. Este envolvimento não é apenas financeiro, mas político e marcará Fanhões que o honra com a abertura do Centro Escolar. Rosendo Carvalheira irá desenhar os Paços do Concelho de Loures, e nada será por acaso. O projeto do sanatório de Tocadelos, apesar de inacabado, deixou marcas.

24. Sanatório inacabado e em ruínas, Tocadelos, Montachique. Projeto de Rosendo Carvalheira e doação de terreno de Francisco Grandella.



25. Projeto do sanatório, venda de selo para subscrição da obra.



"Sociedade dos Makavenkos"

Auto da colocação da Pedra Fundamental do Sanatorio-Albergaria a erigir pela Sociedade dos Makavenkos no Cabeço de Montachique, da iniciativa e em terreno oferecido por Francisco d'Almeida Grandella.

. . . . . .

Aos seis dias do mez d'Abril do ano de mil novecentos e dezenove, nesta localidade e no logar acima indicado, compareceram os corpos gerentes desta Sociedade, seus associados, representantes da imprensa da Capital, autoridades locais e muito povo, afim de proceder-se á colocação da primeira pedra fundamental do edificio que a Sociedade dos Makavenkos pretende edificar para hospitalisação de doentes candidatos á tuberculose, e tambem á memoria do seu saudoso e antigo presidente da direção, o arquitecto Rosendo Carvalheira, recentemente falecido, autor do projecto, e cuja obra vae ser seguida sob a direcção do arquitecto José Alexandre Soares.

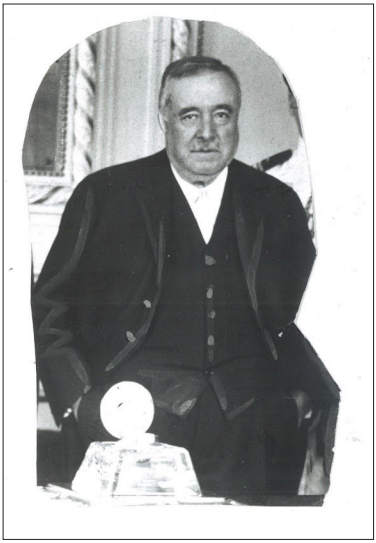
Terminado o acto com as formalidades usuaes, na presença dos abaixo assignados, o senhor engenheiro Angelo de Sarrea Prado, presidente da assembleia geral da Sociedade, deu por finda a cerimonia de que se lavrou este auto que, junto ás moedas nacionaes, vae ser encerrado na aludida pedra fundamental depois de selado e assignado e

secretario o subscrevi.

Cabeço de Montachique, em seis d'Abril de mil novecentos e dezenove

Angelo de Sarrea Prado
Presidente da Assembléia geral
[illegible]
Vice-Presidente da direcção
José Joaquim Fernandes Pontes
Vice-Presidente da direcção
Francisco d'Almeida Grandella
Thomaz de Mello Breyner
Visconde de Ribeiro Tamagno
José Alexandre Soares
[illegible]
[illegible]
Vicente do Tojal
Offerino Cejas (Do "Diario de Noticias")
Ildefonso Oliveira, de "O Seculo"
Nunes de Carvalho (O Mundo)
Henrique Pereira Taveira
Amelia Franco
Sebastião de Lacerda
[illegible]
Augusto Gordiano Lopes
Alfredo Lopes de Carvalho

26. Colocação da pedra inicial dos trabalhos do sanatório. Arquivo Municipal de Loures.



27. Francisco Grandella: republicano, maçon, makavenko.

28. Rosendo Carvalheira, republicano, maçon, makavenko.

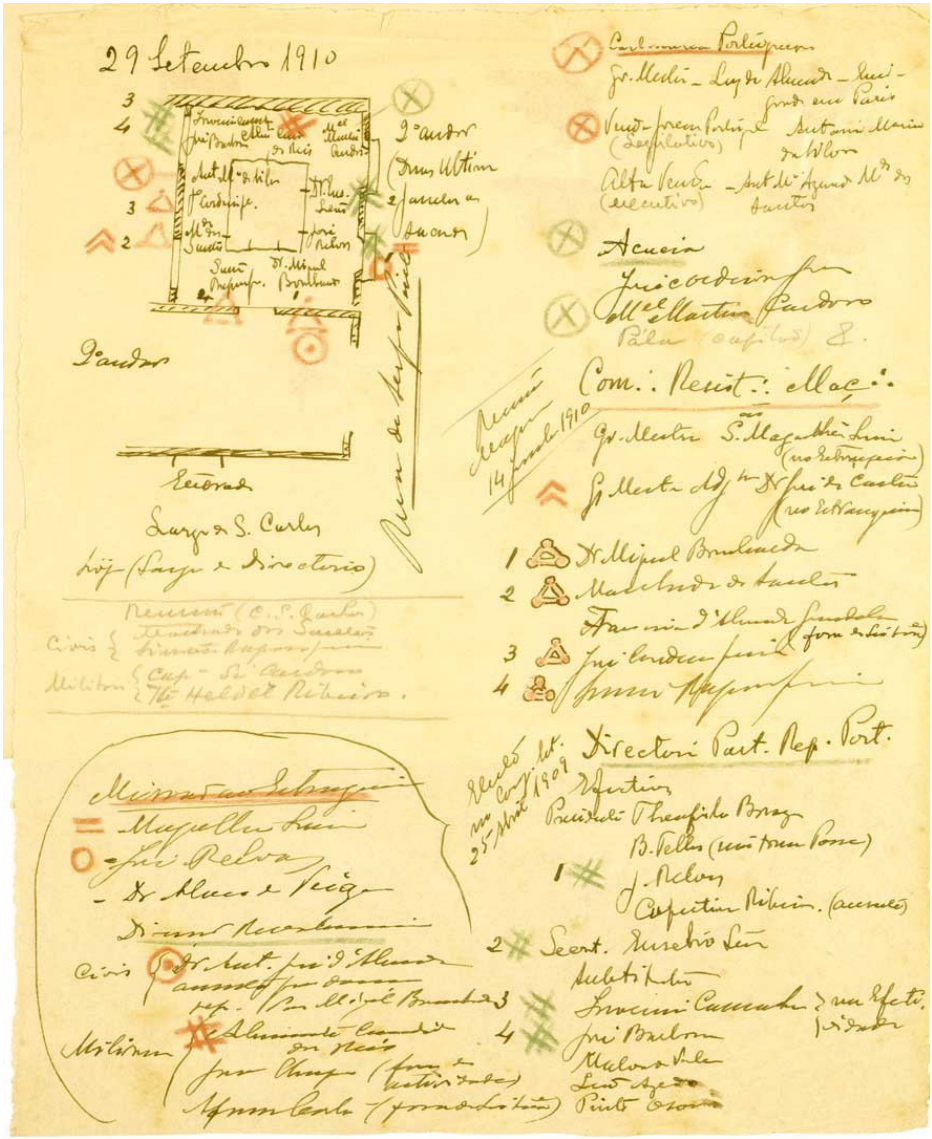
29. António Gomes Valladares, presidente do Centro Republicano Francisco d'Almeida Grandella, em Fanhões, grande dinamizador dos amigos/Liga de Fanhões.[16]

[15] Imagem do Almanaque de Loures para 1912.

30. Cemitério Paroquial de Fanhões.

31. Cemitério Paroquial de Fanhões, campa de António Gomes Valladares, Republicano.

32. Mausoléu da Junta Revolucionário do Concelho de Loures. Pormenor do nome, José Ferreira Cleto, acrescentado em 2018. A campa, no Cemiterio Paroquial de Fanhões, foi levada nas Cheias de 1967.



33. A preparação para a revolução armada, com o envolvimento da Maçanaria e Carbonária, e presença de Francisco d'Almeida Grandella1.[16]

[16] http://www.fmsoares.pt/enfim_a_republica/Acedido a 23 de julho de 2010.

Em Lousa, na casa onde onde morou **Augusto Herculano Moreira Feyo**, com farmácia, era um centro de popularização da ideia da República. Recebia à noite António Costa e Bernardino Machado; tinha como seu apoiante **José Joaquim d'Araújo**, também republicano, participante no dia 4 de Outubro, eleito vereador para a Câmara Municipal Loures, em 1913; foi regedor de Lousa. **Adrião Coelho Novaes**, industrial, acompanha a Republica e intervém na Tuna.

34. Placa evocativa da farmácia e casa onde viveu até 1912, Augusto Herculano Moreira Feyo.

35. Cemitério Paroquial de Lousa.

36. Cemitério Paroquial de Lousa, perspetiva.

37. Cemitério Paroquial de Lousa, jazigo de Adriano Coelho Novais, republicano.

38, 39. Cemitério Paroquial de Lousa, campa de Joaquim d'Araujo, republicano.

Em São João da Talha encontraram-se também ligações ao Partido Republicano - João Rezende, Polycarpo Machado, Agostinho Ferreira.

40, 41. Cemitério Paroquial de São João da Talha, jazigo de João Rezende, republicano.

42,43. Cemitério Paroquial de São João da Talha, jazigo de Polycarpo Machado, republicano.

44. Agostinho Ferreira dos Santos, 1879-1949, carpinteiro de carros, na Bobadela, republicano.[17]

45. Campa do cemitério de São João da Talha de Agostinho Ferreira dos Santos.

[17] Cedência de fotografia e informações do bisneto, Guilherme Luis dos Santos Alves, Bobadela. O nosso obrigada.

46,47. Em São Julião do Tojal, vários proprietários como Francisco Vitor, fazendeiro, republicano, representam um coletivo.

Em Bucelas, marcam presença Júlio Camillo Alves , Augusto e Júlio António Monteiro Freire.

49. Cemitério Paroquial de Bucelas, alameda dos jazigos, onde se encontram referências a famílias de republicanos.

A viragem para a contemporaneidade[18]

50.Lápide no Cemiterio Municipal de Loures, junto ao Mausoléu da Junta Revolucionário do concelho de Loures.

No dia 31 de janeiro de 1891, na cidade do Porto, registou-se um levantamento militar contra as cedências do Governo (e da Coroa) ao ultimato britânico de 1890, por causa do Mapa Cor-de-Rosa, que pretendia ligar, por terra, Angola a Moçambique.

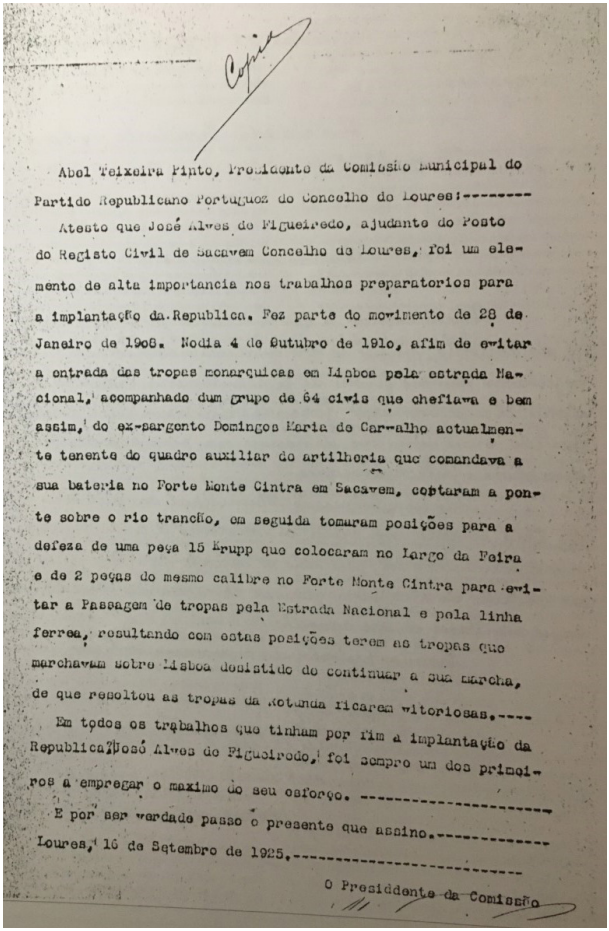
Mas a partir do Ultimato, e com a ação franquista, a revolução, antes mais cultural e evolucionista, transformou-se na revolução política como motor da revolução cultural. Os republicanos apostaram na revolução a partir de Lisboa, sede do governo e da Coroa, confiando nas orientações e compromissos das comissões republicanas locais, como em Loures.

Em 1910, Augusto Herculano Moreira Feyo era o presidente da Comissão Municipal do Partido Republicano e como tal, de maiores responsabilidades e de ligação lógica à organização em Lisboa, onde desde 1909, se acentuam as reuniões e nas semanas que antecedem o 4 de outubro, esteve sem contacto com a família.[19] No Centro Escolar Republicano de Loures reuniram-se muitos cidadãos e republicanos com Moreira Feyo, às 14 horas. A Junta Revolucionária foi nomeada e um texto foi concebido, talvez já preparado, rascunhado, pela sua mão, pelo sentimento coletivo.[20]

[18] Albert Silvert aponta a data de 1890 como data do desaparecimento do antigo regime económico, iniciando-se a viragem para a contemporaneidade.
[19] Assunção, A.P. (1993). Moreira Feyo, *O Amigo de Loures*, CM.L oures
[20] Idem, ibidem, p.12

O documento lido foi passado para o livro de Atas da Câmara nº 26, para que constasse e fizesse fé.

Convicto de que a organização pensada iria significar o fim do regime, quando se começou a ouvir o troar de canhão, no dia 4, para os republicanos, deste lado do Tejo, era o sinal. Também em Sacavém, José Alves de Figueiredo movimentara mais de 64 pessoas para travar o passo à monarquia e populares incendiaram a ponte no dia 5 de outubro.[21]



Abel Teixeira Pinto, Presidente da Comissão Municipal do Partido Republicano Portuguez do Concelho do Loures:--------

Atesto que José Alves de Figueiredo, ajudante do Posto do Registo Civil de Sacavem Concelho de Loures, foi um elemento de alta importancia nos trabalhos preparatorios para a implantação da Republica. Fez parte do movimento de 28 de Janeiro de 1908. Nodia 4 de Outubro de 1910, afim de evitar a entrada das tropas monarquicas em Lisboa pela estrada Nacional, acompanhado dum grupo de 64 civis que chefiava e bem assim, do ex-sargento Domingos Maria de Carvalho actualmente tenente do quadro auxiliar de artilheria que comandava a sua bateria no Forte Monte Cintra em Sacavem, cortaram a ponte sobre o rio trancão, em seguida tomaram posições para a defeza de uma peça 15 Krupp que colocaram no Largo da Feira e de 2 peças do mesmo calibre no Forte Monte Cintra para evitar a Passagem de tropas pela Estrada Nacional e pela linha ferrea, resultando com estas posições terem as tropas que marchavam sobre Lisboa desistido de continuar a sua marcha, de que resoltou as tropas da Rotunda ficarem vitoriosas.----

Em todos os trabalhos que tinham por fim a implantação da Republica, José Alves de Figueiredo, foi sempre um dos primeiros a empregar o maximo do seu esforço. ----------

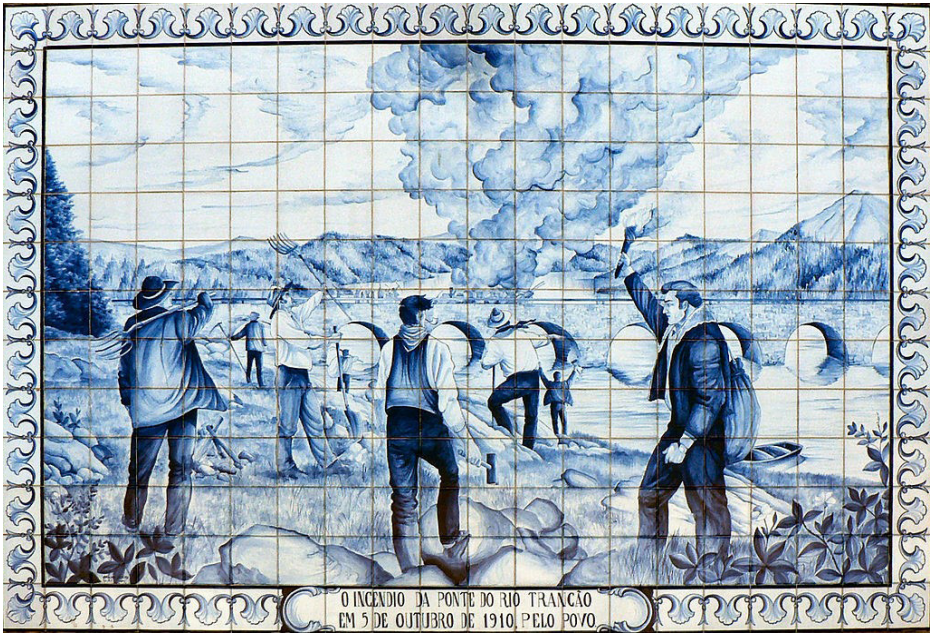
E por ser verdade passo o presente que assino.----------

Loures, 16 de Setembro de 1925.----------

O Presiddente da Comissão

51. A posição dos revolucionários em Sacavém no dia 4 de Outubro de 1910.

[21] Arquivo Municipal de Loures.



52. Azulejo sobre o incêndio da Ponte de Sacavém, 5 de outubro de 1910. Quinta de São José.

A Rota da Memória da República em Turismo Cemiterial une os laços que uniam e uniram os republicanos e apoiantes por todo o concelho e demonstra que nada nem ninguém estaria isolado ou só: o começo da implantação da República em Loures é concretamente registado em Sacavém com armas apontadas para a ponte sobre o rio Trancão e termina na freguesia de Loures, sede do concelho, com o simbolismo da leitura de ata, das janelas dos então espaços da Câmara, onde a concentração de pessoas saudava com vivas a República, a Junta Revolucionária que acompanhou na vigília durante a noite, aguardando-se o dia seguinte para a declaração da República em Portugal.

O envolvimento das várias comissões paroquiais e municipal neste dia histórico e a repetição e saudação do facto, ano após ano, feito de forma coletiva ou individualmente, em Loures e em Fanhões, construiu uma sólida matriz de identidade[22], que atualmente se repete às 15 horas de cada dia 4 de outubro, anualmente, no Cemiterio Municipal, junto ao Mausoléu da Junta Revolucionária do Concelho de Loures, não é mais do que um reconhecimento, um obrigado a quem ousou "salvar a querida pátria" em Loures, em 1910.

Ana Paula de Sousa Assunção

[22] O que se repete a partir de 1930 com Moreira Feio e família Razo, já não com o seu companheiro de 1910, mas com familiares; a colocação de inscrição no Centro Escolar, 1933; e rumando ao Cemitério de Loures, onde se fez a construção do Mausoléu, em 1942. Venceslau Manuel Raso dos Santos, todos os anos no dia 4 de outubro, às 15 horas foi acostumando Loures aos foguetes, lançados pelo "Besunta" no jardim junto aos Paços do Concelho. Por vezes não há foguetes, mas o seu gesto não foi esquecido em Loures. Não o devemos esquecer.

LRS
LOURES
câmara municipal